

dossie



[JULIANA SCHMITT]

Pós-doutoranda em Artes, Cultura e Linguagens na  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

E-mail: juschmittju@gmail.com

[MAÍRA ZIMMERMANN]

Doutora em História. Professora no curso de Moda da FAAP

E-mail: mzandrade@gmail.com

# A moda e suas manifestações disruptivas: dor, rebeldia e não- conformismo

[ 8 ]

Em uma época marcada pelo pluralismo e pela massificação, é preciso uma dose extra de sensibilidade para reconhecer os pontos fora da curva, as imagens, os objetos e os sujeitos dissonantes – ou seja: as manifestações disruptivas de um fenômeno. Por isso esse dossiê é especial. O conjunto de textos aqui apresentados, apesar da variedade alucinante de assuntos e temáticas abordadas, compartilha essa percepção do discordante e do assimétrico. Todos olham para a moda, o vestuário, a cultura material e a estética buscando os sinais da transgressão, da contestação, do excesso, do não-conformismo.

Pensar sobre essas ocorrências, como elas se desenvolvem e qual seu papel no panorama mais amplo da produção de moda no mundo, parece-nos fundamental para refletir sobre a sua importância como índice das mudanças de paradigma em nossa sociedade. E alegra-nos perceber que essas indagações parecem fazer parte dos estudos de moda também em outros países, o que se verifica pela presença, nesse dossiê, de textos enviados por pesquisadores que atuam fora do Brasil. Jose Ortiz, da Universitat Autònoma de Barcelona, em *Dolor y muerte en la indumentaria española. Vestir de luto a finales del siglo XIX*, discorre sobre o vestuário de luto na Espanha oitocentista, como era usado pela corte e

divulgado nas revistas de moda. Marie Schiele, doutoranda na Université Paris-Sorbonne, assina *Supporter le drapé: les entretiens du corps et du vêtement dans le mouvement dansé de Loïe Fuller et Ola Maciejewska*, propondo uma inovadora leitura sobre os figurinos das duas dançarinas, entendendo que o ato de (su)portá-los, de resistir aos seus entraves ou, ao contrário, de deixar-se levar pelo peso da matéria ou por sua experiência, estabelece um relação subversiva, e não mais passiva, entre corpo e roupa. A ousadia também é a marca do texto *The corset and the veil as disruptive manifestations of dress: the tightlaced and the Tuareg*, de Marília Jardim, da University for the Creative Arts (UK), que, por meio de uma abordagem semiótica, discute como um mesmo item de vestuário (o espartilho no período vitoriano e o véu entre os Tuareg) pode ser usado para manter ou romper uma estrutura simbólica.

O espartilho do século XIX volta a aparecer em *Corpos que ultrapassam o limite, excedem a fronteira, transbordam de si*, de Beatriz Ferreira Pires (EACH/USP), que trata das modificações corporais levadas a cabo com intuito de transcender os padrões de beleza e funcionalidade convencionais, aproximando o corpo humano da animalidade ou da total artificialidade.

[ 9 ]

Partindo de fontes como revistas e jornais do início do século passado, Claudia de Oliveira, da UFRJ, observa a problematização das questões de gênero decorrentes das transformações na atuação feminina naquele período. Seu texto *Mulheres na luta pela emancipação: novo vestuário e novos comportamentos pelas lentes da imprensa carioca – 1900-1914*, expõe as duras críticas sofridas por aquelas "novas mulheres", em grande parte devido às suas escolhas vestimentares.

A controvérsia da prática das cópias no mercado de moda é levantada por Humberto Pinheiro Lopes, da UFPI, no artigo *Censura das cópias na indústria da moda*, que destaca o papel transgressor da cópia ao ameaçar a hegemonia da griffe.

Tema atualíssimo e urgente na contemporaneidade, a resignificação da velhice e de seus aspectos visíveis, como os cabelos brancos, é tratado em *A revolução grisalha: mulheres (re)semantizando signos do envelhecimento*, de Denise Castilhos de Araujo, da Unisinos.

O uso das estampas ditas africanas como parte de um posicionamento político-ativista de construção de ancestralidade e contra o racismo presente na sociedade brasileira é discutido em *O vestir político: as estampas wax hollandais como ferramentas de afirmação da identidade afro-brasileira*, de Dandara Maia, mestre pela UFRJ.

Temos também o grande prazer de trazer ao público brasileiro, na seção *Costuras*, duas traduções de artigos originalmente pertencentes ao catálogo da exposição *Tenue correcte exigée! Quand le vêtement fait scandale*, sob direção de Denis Bruna e em cartaz de 1 de dezembro de 2016 a 23 abril de 2017 no Museu de Artes Decorativas em Paris – que gentilmente nos cedeu os direitos de reprodução em língua portuguesa desses textos. Acreditamos que ambos tratam de temas preciosos para o debate atual e coadunam perfeitamente com a abordagem do dossiê. *A maquiagem tem um gênero? Olhares sobre a maquiagem masculina*, escrito pela historiadora francesa e professora da Université d'Orléans, Catherine Lanöe (e traduzido por nosso convidado Thiago Mattos, pós-doutorando em Letras Estrangeiras e Tradução pela USP), faz um recorrido histórico do uso desse artifício (comumente atrelado ao feminino) pelos homens, especialmente durante o Antigo Regime francês. Já em *Incompreensões, desconfortos e escândalos na moda contemporânea*, Alex Moulinier, doutorando pela École du Louvre, analisa as polêmicas apresentadas no contexto da chamada "moda oficial" desde a década de 1980, começando pelos japonistas e passando por Margiela, McQueen, Chalayan, entre outros *enfants terribles*.

[ IO ]

Seria um verdadeiro paradoxo falar em formas disruptivas da moda sem mencionar as subculturas jovens da segunda metade do século XX e, por esse motivo, elas têm lugar de destaque em nosso dossiê. Máira Zimmermann faz uma análise minuciosa do filme *Minha fama de mau* (Direção: Lui Farias, 2019) na seção de resenhas, na qual comenta a transformação da trajetória do músico e compositor Erasmo Carlos em uma "jornada do herói", além de seu papel fundamental na construção de uma cultura do rock nos trópicos. E, na seção de entrevistas, Juliana Schmitt conversa com o jornalista argentino Daniel Flores sobre as origens do punk e de outras cenas do underground portenho a partir do fim dos anos 1970.

Recebemos um número bastante expressivo de submissões e agradecemos a todos que se interessaram pela proposta do dossiê. Também agradecemos aos os colegas professores e pesquisadores que atenderam nosso chamado e se dispuseram a avaliar e comentar os artigos enviados. Registramos ainda nossos agradecimentos às editoras Maria Claudia Bonadio e Adriana Baggio, pelo convite e pelo suporte que nos deram durante todas as fases de preparação do dossiê.

Ilustrando essa edição da *Dobras*, selecionamos momentos das passarelas da última edição da Casa de Criadores – Inverno 2019. As imagens escolhidas são dos desfiles de Felipe Fanaia, Isaac Silva, Rober Dognani,

Vicente Perrota, Weider Silverio e Ken-gá, fotografados por Marcelo Soubhia e Zé Takahashi, da Agência Fotosite, que atenciosamente nos cedeu os direitos de reprodução. São modelos-roupas e modelos-pessoas que representam a poética delirante da transgressão. Elas nos ajudam a refletir sobre o papel da moda nesses processos disruptivos – e esse é o objetivo deste dossiê, que preparamos com carinho para todos vocês.